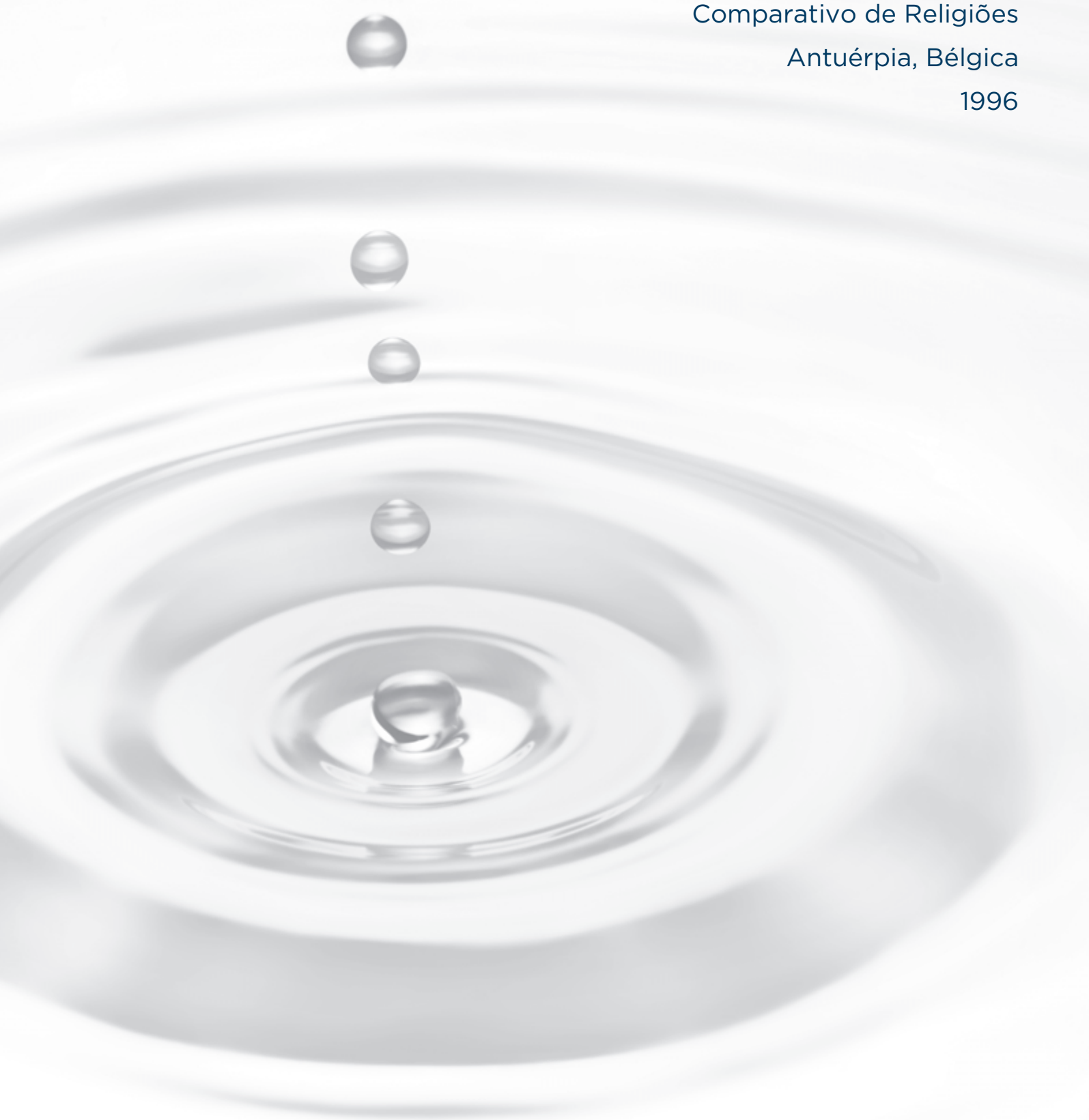
SCIENTOLOGY E RELIGIÃO

Christiaan Vonck, Ph.D.
Reitor, Faculdade para o Estudo Comparativo de Religiões

Antuérpia, Bélgica

1996



SCIENTOLOGY E RELIGIÃO

ÍNDICE

I.	Introdução	1
II.	Observando Scientology	3
III.	Dogma	3
IV.	Conclusão	7
Notas		9
Acerca do Autor		11

SCIENTOLOGY E RELIGIÃO

Christiaan Vonck, Ph.D.
Reitor, Faculdade para o Estudo Comparativo de Religiões

Antuérpia, Bélgica

1996

I. Introdução

Qual é a definição de religião? Mesmo reconhecidas e tradicionais (nem todas as estruturas políticas reconhecem religiões), há religiões estabelecidas que muitas vezes questionam a sua origem num esforço para provar que elas são realmente a única religião *verdadeira*. Qualquer pessoa que diga: «O meu mestre é a maior encarnação de Deus, ou o único mestre esclarecido,» é inquestionavelmente ignorante. O critério para julgar inteiramente líderes espirituais esclarecidos só é possuído por discípulos inteiramente esclarecidos. Um discípulo esclarecido é completamente leal ao seu mestre, ao professor ou guru que lhe mostrou o caminho do esclarecimento, mas ele respeita sempre outros avatares e mestres.[1]

«Tantas definições diferentes [de religião] têm sido formuladas no Ocidente ao longo dos anos que até uma lista parcial seria impraticável,» diz a *Enciclopédia de Religião* (Mircea Eliade, Macmillan, Londres, Nova Iorque: 1986, p. 283). Consequentemente, tenho de contentar-me em algumas das características de experiência religiosa e o conhecimento de que as religiões têm uma base cultural e social *profunda*.

No contexto mais geral, a religião é a busca do homem por uma ligação com o «espiritual» — na realidade, uma unificação — que muitas vezes inclui ou leva à adoração.

Para os Cristãos isto significa voltar ao estádio anterior à «queda do homem», que eles acreditam ser possível através do Filho de Deus, Jesus Cristo. Por outras palavras, a religião (Jesus) une e é um símbolo para a unidade com Deus e o Homem. Um dos principais problemas da religião

é, contudo, o facto de os teólogos de cada religião a verem de modo diferente. Pode dizer-se que a religião une e que a teologia divide. Mas a teologia é necessária a fim de compreender a religião e as religiões.

No seu livro *Das Heilige* (O Sagrado), Rudolf Otto (1869–1937) define a essência da consciência religiosa como um temor respeitoso, uma mistura única de medo e fascínio perante o divino. Citando muitas experiências, da Índia, Marrocos e do seu próprio país, ele conclui que os homens, todos os homens, de vez em quando reconhecem a «alteridade total».

Mircea Eliade (1907–86) acrescentaria que esse conhecimento relativamente a Deus não se limita a experiência. Ele é exemplificado em simbolismos e rituais em todo o mundo. Dos símbolos, rituais e experiências resulta a procura de porque é que o homem age da maneira que age. Os símbolos e rituais têm raízes na mitologia.

Com estas definições em mente, eu uso portanto duas afirmações comuns sobre as características principais de uma religião. Uma é mencionada pelo Dr. Rainer Flashe (Marburg) na página 27 em «Ata Comparanda II » (Antuérpia 1987): «Por *nova* religião queremos dizer um movimento religioso centrado numa *nova* doutrina, num *novo* culto e numa *nova* comunidade estabelecida por estes dois fatores.»

A segunda afirmação ou definição vou buscá-la ao Dr. W. Lutjeharm (Bruxelas) da religião Hernhutter, num estudo de Zinzendorf e o numinoso que prova que todas as religiões são um produto de evolução (*Brusselse Theologische Studies* (Estudos Teológicos de Bruxelas), Número 1, 1976, p. 6): No momento em que um grupo de pessoas se junta devido a uma experiência e veneração comum, aí está religião. Quando eles — este grupo — usa este ato como um hábito, podemos falar de uma religião concreta, *Religionsanstalt*. Quando alguém assume a liderança, ele passa a ser encarregado e diz às pessoas que elas têm de agir da mesma maneira, então isso é uma denominação ou uma seita. E se alguém quiser fazer isso de outra maneira, ele pode começar uma nova seita. Dessa forma, todas as pessoas adoram o Ser «das uns so einen Schauer macht» (que tanto nos faz estremecer).

Assim, numa religião podemos esperar encontrar um elo ou unificação com o espiritual e o transcendental; uma doutrina e prática bem como símbolos, rituais e experiências relacionadas com este reino transcendental; e uma comunidade centrada em torno de tais crenças e práticas.

II. Observando Scientology

Ao examinar Scientology, observei que tem características comuns com um número de outras religiões, entre elas: a Ciência Cristã (fundada por Mary Baker Eddy em 1879)[2]; a Religious Society of Friends (Sociedade Religiosa dos Amigos), ou Quakers (fundada por George Fox em 1665)[3], a Nova Igreja de Jerusalém (baseada na filosofia de E. Swedenborg, 1688-1772), fundada na década de 1780)[4], Antonismo (fundada pelo Père Antoine em 1910)[5], e no que respeita à filosofia em si, alguns aspetos do budismo.

Isto não é sincretismo mas meramente destino. Scientology veio de uma mente — a de L. Ron Hubbard — desenvolvida numa época em que as pessoas procuram novas formas de adoração dentro da sua própria religião, denominação, culto ou seita. (Etimologicamente, o termo seita pode ser relacionado com o Latim *sequi,* a seguir.) A mensagem de Scientology não é cristã, nem judaica, nem islâmica, mas tem raízes antigas. Começa com os Vedas, onde Hubbard encontra mais sabedoria do que na teologia/filosofia do Ocidente que tentou segregar e criar divisões na sabedoria.[6]

Embora tenha características em comum com outras religiões, Scientology é única, com uma extensa doutrina própria, baseada nos escritos de L. Ron Hubbard, e a sua própria prática religiosa única.

Porque foi fundada no Ocidente «bárbaro» [7] onde «Golem» se tornou o «mestre,»[8] Scientology proporciona uma porta aberta para aqueles que procuram uma mensagem espiritual nos tempos modernos.

III. Dogma

Quando escreveu o livro *Dianética: O Poder da Mente sobre o Corpo,* estabelecendo uma terapia de ab-reação, L. Ron Hubbard não pensava, tanto quanto sei, que disso resultaria uma igreja ou fé. Nessa altura, o seu único objetivo era ajudar pessoas por meio de processos de abordagem da mente. Por outras palavras, ele duvidava do tratamento dos psicanalistas.[9] Então ele procurou outro sistema possível que ajudasse as pessoas e as tornasse mais capazes, e expôs isso no livro básico de *Dianética,* publicado pela primeira vez em 1950.

Enquanto avançava na pesquisa, Hubbard descobriu que uma pessoa é mais do que apenas um corpo ou uma mente. Ela é de facto um ser espiritual imortal, a que ele chamou «thetan».

O thetan é o próprio indivíduo, não o seu corpo, a sua mente ou qualquer outra coisa. Não é algo que ele *tem,* mas sim o que ele *é.* Este thetan tem vivido através de vidas incontáveis e sobreviverá à morte do corpo atual. Este conceito de vidas passadas em Scientology pode ser comparado com as formações cármicas (*samskara*) do budismo.[10]

De acordo com a doutrina de Scientology o thetan tem sido sobrecarregado por experiências traumáticas, na vida corrente e nas anteriores, que estão armazenadas numa mente reativa. Estas experiências podem continuar a causar-lhe dor e comportamento irracional e a impedi-lo de atingir toda a consciência espiritual e capacidades. Scientology aborda estes traumas do passado através da prática de *audição* na qual o thetan pode ser aliviado destas experiências do passado e passar a ter mais consciência de si mesmo como um ser espiritual. Ele encontra respostas para questões como: Quem sou Eu? ou «Porque é que eu sou?» À medida que obtém maior consciência espiritual através de audição, ele também aprende a viver uma vida mais completa e ética em todos os planos da existência que, em Scientology, são chamados as Oito Dinâmicas. Considera-se que cada pessoa existe e procura sobrevivência em oito dinâmicas, descritas como se segue:

1.ª Dinâmica: o impulso dinâmico para sobreviver como um indivíduo.

2.ª Dinâmica: o impulso para sobreviver através do sexo e família.

3.ª Dinâmica: a sobrevivência como grupo. Esta inclui todos os grupos tais como o emprego, escola, clube, etc.

4.ª Dinâmica: o impulso para sobreviver para toda a Humanidade.

5.ª Dinâmica: o impulso para sobreviver para todas as formas de vida, tanto vegetais como animais.

6.ª Dinâmica: o impulso para a sobrevivência do universo físico, incluindo toda a matéria, energia, espaço e tempo.

7.ª Dinâmica: o impulso para sobreviver como espíritos — a dimensão espiritual.

8.ª Dinâmica: o impulso para sobreviver como infinito ou Ser Supremo.

Estas dinâmicas podem ser concebidas como círculos concêntricos com cada dinâmica mais alta a cercar as que se encontram abaixo dela. A *audição* (o aconselhamento espiritual individual que é a prática central de Scientology) aborda todas as dinâmicas e aumenta a

consciência e responsabilidade em todas elas, incluindo a relação da pessoa com a dimensão espiritual e Deus.

O conceito do Ser Supremo ou da dinâmica de Deus passa através de toda a doutrina de Scientology. Embora a Scientology não tenha nenhum dogma específico quanto à forma que o Ser Supremo toma, na doutrina religiosa pode ver-se que ele é um Deus — criador no cume de toda a existência. A existência e o papel de Deus vê-se, por exemplo, no Credo da Igreja de Scientology:

Nós da Igreja acreditamos

Que todos os homens, independentemente da sua raça, cor ou credo, foram criados com direitos iguais.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis às suas próprias práticas religiosas e ao exercício dessas práticas.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis às suas próprias vidas.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis à sua própria sanidade.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis à sua própria defesa.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis de conceber, escolher, assistir ou apoiar as suas próprias organizações, igrejas e governos.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis de pensar livremente, de falar livremente, de escrever livremente as suas próprias opiniões e de opor-se, expressar-se ou escrever sobre as opiniões dos outros.

Que todos os homens têm direitos inalienáveis à criação da sua própria espécie.

Que as almas dos homens têm os mesmos direitos que os homens.

Que o estudo da mente e a cura de doenças com causas mentais não devem ser alienados da religião ou permitidos em campos não religiosos.

E que nenhuma entidade menor do que Deus tem o poder para suspender ou pôr de parte estes direitos, aberta ou encobertamente.

E nós da Igreja acreditamos

Que o Homem é basicamente bom.

Que ele está a procurar sobreviver.

Que a sua sobrevivência depende dele próprio e dos seus companheiros e de ele alcançar uma irmandade com o universo.

E nós, da igreja, acreditamos que as leis de Deus proíbem ao homem

Destruir a sua própria espécie.

Destruir a sanidade de outrem.

Destruir ou escravizar a alma de outrem.

Destruir ou reduzir a sobrevivência dos seus companheiros ou grupo.

E nós da Igreja acreditamos

Que o espírito pode ser salvo e

Que o espírito sozinho pode salvar ou *curar o corpo.*

Para além da audição, os Scientologists também procuram iluminação através do estudo dos escritos de L. Ron Hubbard ou ouvindo as suas conferências gravadas, que são volumosas. Este estudo, chamado *treino,* é a outra prática religiosa principal em Scientology, para além da audição.

A Scientology também tem um Programa de Purificação que usa uma combinação de exercício físico, vitaminas e sauna para livrar o corpo de drogas, produtos químicos e outras impurezas que impedem o progresso espiritual. Isto faz parte de ter uma «vida equilibrada» (que é também a tónica dominante dentro da Igreja de Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os Mórmones) que ajuda a pessoa a alcançar a 8.ª e mais alta dinâmica que é a «dinâmica de Deus».[11]

Os ministros de Scientology também realizam casamentos, funerais, batizados e aconselhamento pastoral usando cerimónias religiosas e simbolismo exclusivo de Scientology.

A Scientology partilha a mesma visão que a maior parte das outras religiões quanto a dogmas. Apresenta-os como assuntos de facto objetivo[12] mas não usa a palavra da mesma maneira que a Igreja Católica Romana na qual os dogmas religiosos estão estabelecidos para a eternidade (Concílio Vaticano, 1870).

Hubbard declarou que o primeiro princípio é que a sabedoria se destina a todas as pessoas. O segundo é que a sabedoria deve poder ser aplicada, e o terceiro princípio é que ela só é valiosa se for verdadeira ou se funcionar. L. Ron Hubbard disse: «Scientology irá tão longe quanto funcione.»[13]

IV. Conclusão

Para os eruditos no campo da história de religiões, sociologia e/ou religião comparada, não há dúvida de que Scientology é uma religião.

Através da audição e estudo dos escritos de L. Ron Hubbard, um indivíduo aumenta a sua consciência espiritual e esforça-se pela unidade em todas as dinâmicas, incluindo a 7.ª dinâmica (dimensão espiritual) e a 8.ª dinâmica (Ser Supremo). É um movimento religioso com a sua própria doutrina e prática e uma comunidade estabelecida e centrada nas suas crenças religiosas. Scientology tem os seus próprios rituais e simbolismo, e é baseada nas descobertas e visão do seu fundador, L. Ron Hubbard.

Scientology partilha algumas características com outras religiões mas, para os seus crentes, é um caminho exclusivo que os liga ao espiritual e ao divino.

Christiaan Vonck
Antuérpia, 1996

NOTAS

1. «Truth vs. Small-minded Religious Dogma (Verdade versus Dogma Religioso Mesquinho)» in «Self-Realization,» U.S.A., inverno de 1995, Vol. 67, N.º1 p. 32

2. A Ciência Cristã foi fundada em circunstâncias semelhantes a Scientology, tendo começado com questões sobre cura mental. Os princípios mais importantes de Mary Baker Eddy eram que Deus é Mente e Espírito e que Ele é bom. Porque Ele é bom, as Suas obras (criações) também são boas. Por outras palavras, matéria, pecado, doença e morte, de facto, não existem. A pessoa que aceita isto é iluminada. A pessoa que vive de acordo com os ensinamentos de Jesus terá uma boa vida física e espiritual.

3. Filiação, casamento e outras formalidades são como as da Sociedade Religiosa de Amigos (os Quakers) sem uma forma fixa de liturgia, embora haja exemplos de certos padrões fixos dependentes do ambiente cultural. Ver, por exemplo, «Church Government» (Governo da Igreja) da Reunião Anual de Londres da Sociedade Religiosa de Amigos. (Friends Book Centre, London 1968.)

4. Como os escritos de L. Ron Hubbard em Scientology, os escritos de E. Swedenborg são sagrados (experiências de revelação) e são para ser usados pelos seus seguidores de acordo com os passos estabelecidos pelo autor. São usadas traduções, mas para as doutrinas básicas deve-se recorrer à língua original. Vê-se dicionários por todos lados nestes Centros. Em determinadas Novas Igrejas de Jerusalém, como a de Den Haag, Países Baixos, a leitura é feita dos textos originais em latim (Swedenborg escreveu em latim) e o ministro comentará tão profundamente quanto possível. Só podem ser ordenados ministros que leiam latim. Os escritos originais de Ron Hubbard são usados com o mesmo cuidado. («A Religião de Scientology», 1994, página 5.)

5. (Père) Antoine Louis-Joseph (1845-1912) era um mineiro Belga que, depois de ler o livro *Livre des Esprits (Livro dos Espíritos)* de A. Kardec, fundou numerosas igrejas, chamadas templos, (na Bélgica e também na Alemanha, França, Polónia e países em África e na América do Sul) em cerimónias onde ocorreu cura. Ele não era cristão. Como teosofista estrutural (ele dizia-se fundador do «Novo Espiritualismo») ele estava aberto a todas as formas de doutrinas religiosas, especialmente do Oriente. O seu ensinamento: «Toda a matéria é ilusão; o mal não existe por si próprio, mas é um produto da nossa imaginação. A felicidade consiste em nos despojarmos de todo o desejo, provocado pela visão das formas variáveis e ilusórias da matéria. De reencarnação em reencarnação, um dia o nosso espírito atingirá

a libertação.» *The Dictionary of Religions* (O Dicionário de Religiões) (University Press de França) chama a esta religião como que um budismo primitivo. A sua cura espiritual dos doentes levou-o a tribunal em 1901 e 1907 (ele era acusado pelo clero e pelas autoridades médicas legais) e aí, depois de árduo debate, ele foi considerado inocente. Aconteceu praticamente o mesmo com Mary Baker Eddy, George Fox e Emmanuel Swedenborg. Scientology tem sofrido perseguições semelhantes nalgumas áreas.

6. A tradição de barbárie, *As Conferências de Phoenix,* p. 33. (Publications Organization World Wide, 1968.)

7. Rabbi A. Malinsky acerca de «o progresso da ciência técnica e o declínio do homem» em «Ata Comparanda II», Antuérpia 1987, p. 7.

8. *As Conferências de Phoenix* p. 33.

9. Na psicanálise, por exemplo, o analista não aceita o que a pessoa diz, mas interpreta-o, avalia a condição por ela, etc. Isto é a antítese da audição de Scientology, onde o *auditor* («alguém que ouve», do latim *audire,* ouvir) é expressamente proibido de avaliar pelo indivíduo. A pessoa procura as suas *próprias* respostas. (*O que é Scientology?* Bridge Publications, 1992 p. 163.)

10. Em *Você já Viveu Antes Desta Vida?* Embora originalmente o termo *karma* significasse simplesmente «ato», em relação à teoria da causação, ele veio a ser popularmente considerado uma espécie de poder potencial adquirido como resultado de cada ato feito no passado. Quer dizer, a consequência de todos os atos passados é bem ou é mal, sofrimento ou prazer, dependendo do ato, e tem um poder de influenciar o futuro, e isto é considerado o karma da pessoa. Acredita-se que repetir uma boa ação acumulará boa vontade e que o seu poder potencial terá uma influência benéfica sobre o futuro. (Ver, por exemplo, «The Teaching of the Buddha,» [Os Ensinamentos de Buda], Bukkyo Dendo Kyokai, Tóquio 1966, p. 300).

11. *As Conferências de Phoenix,* p. 315.

12. Os factos objetivos mais importantes («dogma») em Scientology são os escritos de Hubbard, a começar por *Dianética.* Estes devem ser encontrados e resolvidos pelo próprio estudante. O dever do auditor ou do supervisor é só ajudar o paroquiano.

13. Em «*A Igreja de Scientology*», p. 2.

ACERCA DO AUTOR

Educação

Marnixschool (Antuérpia)
K. Ateneu (Antuérpia)
Landbouwschool (Agricultura em Stabroek)
Institut Biblique Européen, Paris, França (1957-60)
Linguística (S.I.L. em colaboração com a Universidade de Londres, 1959)
Seminário Teológico Batista, Lisboa, Portugal (1960–61)

Ordenado

Igreja Protestante Unida na Bélgica (Genk, 1979)
Convenção Batista do Sul (Phoenix, Arizona, EUA, 1980)
Faculdade Teológica Protestante, Bruxelas, Bélgica (1969–70)
Universidade do Sul, EUA. Tese de doutoramento: «The Philosophy of Inmates based on the Theology of K. Barth e R. Otto» («A Filosofia de Presidiários baseada na Teologia de K. Barth e R. Otto») (1977)
Parthasarathy C. Academy, Índia: Doutor Honorário (1985)

Cargos

Assistente do Capelão (C.I.B.I.) no Exército Belga na Alemanha (1962–63)
Professor de Religião Protestante, Escolas Estatais (1963–65)
Editor/Fundador da revista quinzenal «Op Vrije Voeten» (1962–79)
Diretor/Fundador do Op Vrije Voeten Youth Service (1963–79)
Fundador/Administrador da Federação Independente para Serviços para a Juventude (até 1978)
Membro da Comissão e do Conselho no Ministério da Educação Nacional e Cultura (até 1978)
Fundador e Presidente do Comité Belga Suriname (1975–92)
Administrador da Associação da Imprensa Periódica Flamenga (1967–83)
Diretor Nacional da Associação Internacional para Intercâmbio de Jovens Cristãos (1971–76)
Correspondente Nacional do Concílio Ecuménico da Juventude na Europa (1975–77)
Ministro da Juventude da União Missionária Gospel (Zeist) para a Bélgica até 1970
Diretor Nacional da Juventude para Cristo (1963–79)
Tesoureiro da YFC — Internacional Europa (1967–70)
Capelão do Sistema Prisional (1976–82)
Capelão dos Trabalhadores Migrantes (1980–85)
Membro da Assembleia Geral da Schola Para Medicorum (1982–89)
Membro da U.P.C.B. (Brasschaat)

Membro da Assembleia Geral da Faculdade para o Estudo Comparativo das Religiões (1980–)
Reitor da Faculdade para o Estudo Comparativo das Religiões (1980–)
Professor de Teologia Filosófica (1985–)
Membro da Fundação «Craeybeckx, Detiège, Grootjans,» Universidade de Antuérpia (1995–)
Administrador do Congresso Mundial de Fés (1974–)
Administrador dos Amigos do Museu Etnográfico em Antuérpia (1979–)
Membro do Workshop Ecuménico para Informação na Europa (1974–)
Membro do W.C.R.P. Bélgica (1989–)
Conselheiro para a Comissão Cristianismo-Islão da U.P.C.B. (1981–)
Membro da Associação de Ministros Batistas (1979–)
Administrador do Comité Patrocinante de Antuérpia (1982–)
Editor de «Acta Comparanda» (1983–)
Jornalista de «Kerk en Leven» (1974–)
Pastor da Igreja Batista Multilingue, Antuérpia (1983–)
Membro da Associação Filosófica de Antuérpia Werkgroep Kierkegaard (1990–)